

A verdadeira herança maldita

Alexandre Espirito Santo

ECONOMISTA

Nos primeiros anos de mandato do governo Lula, não foram raras as ocasiões em que ouvimos seus ministros defenestram a administração anterior, impondo culpa à gestão FHC por várias das mazelas que afetavam nosso país. Na expressão do presidente, seu governo havia recebido uma "herança maldita".

Quero crer que o queixume de Lula se encaixaria de forma perfeita – e mais apropriada – a esses 100 primeiros dias de Presidência de Barack Obama. Listemos algumas das sombrias heranças que George Bush transmite a seu sucessor: 1) A pior crise econômica em oito décadas; 2) Guerras no Iraque e Afeganistão; 3) A complexa situação frente ao Irã e Coreia do Sul, pertencentes ao eixo do mal de Bush; 4) Imbróglis na América Latina com Venezuela, Bolívia e Equador; 5) Recrudescimento das relações com a Rússia e 6) Leniência aos temas relacionados ao meio ambiente. Sem contar as já tradicionais tensões envolvendo Oriente Médio e Cuba.

Sob o aspecto econômico, a crise atual já está sendo batizada pelos analistas como a Grande Recessão. Como é sabido, na década de 30 vivemos o primeiro grande revés do sistema capitalista, que ficou conhecido nos livros de História como a Grande Depressão. Obama vem tentando, a todo custo, não deixar a economia americana reprisar aquele período nada auspicioso, implementando, nesses três meses, uma espécie de New Deal repaginado para o contexto de um mundo globalizado. Mas a tarefa é hercúlea!

Após vários anos de políticas neoliberais, referendadas pelo consenso de Washington, os países centrais estão promovendo uma forte guinada em suas ações macroeconômicas, aviando o receituário anti-recessivo keynesiano via aumento de gastos públicos. É o retorno ao famoso "Estado Empresário". A crise financeira rapidamente atingiu a economia real, com graves conseqüências sobre o dia a dia da sociedade americana: vive-se, hoje em dia, a maior taxa de desemprego (8%) desde a década de 80, quase 2,5 milhões de famílias perderam suas moradias, a erosão patrimonial supera US\$ 10 trilhões, além de o sistema financeiro se encontrar em vias de insolvência.

As fortes medidas fiscais promovidas pelo governo Obama possuem duas frentes de atuação. A primeira busca restabelecer a confiança no setor bancário, através da criação dos chamados "fundos abutres", que teriam a função de absorver os ativos "podres" (algo em torno de US\$ 1 trilhão), dando liquidez aos mesmos, o que melhoraria a situação dos balanços dos bancos. Na outra ponta, as medidas focam no estímulo mais direto à atividade econômica, por meio de redução de impostos e gastos com infraestrutura (pacote aprovado no Congresso envolvendo US\$ 800 bilhões). Além disso, o Federal Reserve estabeleceu uma política monetária de juro zero e ingressou no quantitativo easing, uma tentativa de ludibriar a famosa "armadilha de liquidez" de Keynes.

Será que todas estas ações já seriam suficientes? Nas últimas semanas, as bolsas de valores apresentaram valorizações expressivas em todo o mundo, o que ensejaria que o pior pudesse estar no retrovisor. Infelizmente, não comungo com esta análise. Embora Obama venha apresentando um ótimo desempenho, sobretudo pela fenomenal guinada na política externa – vide os episódios da reunião do G-20 e na recente Reunião de Cúpula das Américas – temo que ainda haja uma série de dúvidas sobre a eficácia das medidas, sobretudo as que envolvem a solvência dos bancos, o que não referenda nenhuma espécie de otimismo, infelizmente.

Domingo, 26 de Abril de 2009 - 00:00